

**OS (DES)CAMINHOS DO MÉTODO:  
UMA NOVA REFLEXÃO SOBRE  
A FINALIDADE DOS MEIOS\***

*Juremir Machado da Silva\*\**

**Resumo:** Este artigo enfeixa alguns apontamentos sobre a atualidade da questão do método. Qual o sentido e a validade de se relançar tal questão e que condições são por ela exigidas ou, através dela, vêm implicadas contemporaneamente? Na impossibilidade de se pensar o método vinculado a uma finalidade, ou tampouco como um caminho seguro, dada a imprevisibilidade de toda pesquisa, deve-se entendê-lo antes como uma proposta de abertura, como uma narrativa aberta.

**Palavras-chave:** Método. Conhecimento. Criatividade. Pensamento complexo.

O problema do método científico tem sido discutido por especialistas de renome ao longo do tempo. Quanto mais alguém sabe, menos tem certeza de como encontrou o caminho para o saber. Isso

---

\* Este texto foi produzido com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e faz parte da pesquisa em desenvolvimento "Rede de idéias: tecnologias do imaginário e comunicação".

\*\* Doutor em Sociologia pela Sorbonne, Paris V. Docente da Faculdade dos Meios de Comunicação (Famecos/PUC-RS) e pesquisador do CNPq. E-mail: juremir@puers.br.

nada tem a ver com algum método de auto-ajuda científica baseado na falsa humildade, mas simplesmente com a aceitação tranqüila do papel do acaso no trabalho de pesquisa. Investigar é encontrar caminhos, não apenas retomar velhas estradas. Ao tomar como objeto de reflexão tal tema, a primeira questão deve ser: pode um pesquisador periférico acrescentar algo a um debate explorado incansavelmente? Como tradutor dos volumes 3 e 4, 5 e 6 de **O Método**, de Edgar Morin, eu poderia, ou deveria, ter a humildade de não me imiscuir em assuntos que me superam facilmente. Salvo se a questão for outra; será que o saber pode ser definido a partir de centro e periferia?

Este texto, como indica o seu título, é uma segunda versão. Significa que a primeira se esgotou ou deixou pontos não explorados. Não se trata de uma mudança radical, mas de sutilezas que alteram o todo com leves mudanças nas partes. No essencial, tudo se repete. Ou, ao contrário, na forma tudo continua praticamente igual, mas o conteúdo se transforma pelo uso de alguns atalhos ou de trilhas que se bifurcam. Afinal, o método é o caminho que leva ao destino ou um destino que encontrou o seu caminho? O caminho é o mesmo, mas algo pode se transformar ao longo da caminhada. Tentemos ir em frente.

Sujeito implicado num campo de produção de saber, o da Comunicação, e incapaz de dissimular as ligações com seus objetos de análise, parto (carregando esta primeira pessoa do singular sintomática) justamente dessa impossibilidade primeira para semear perguntas que não saberei responder. Não esconderei, por falta de habilidade, o impressionismo de certas afirmações que chocarão um leitor especializado. Num tempo em que o positivismo (definição unívoca dos campos de conhecimento, rigor na definição de objetos pertinentes a cada disciplina, críticas ao ecletismo dito pós-moderno), depois de ter sido expulso pela porta da frente, volta pela janela, não será demasiado inquietar-se com o eterno perigo dos argumentos de autoridade. Boa parte do tempo, no campo acadêmico, definimos algo como verdadeiro por ter sido dito por um “grande” do passado.

Recorremos de Platão a Kant para dar credibilidade ao que pode não ter sido demonstrado.

Afinal, o método é um caminho, um meio, um fim, uma grade de análise, outro nome para referencial teórico, um agregado de técnicas de pesquisa e de teorias? Quantos métodos podem ser usados para exame de um mesmo objeto? Um Paul Feyerabend já se posicionou, há muito, por um “anarquismo epistemológico”, resumido, em termos de método, em “tudo vale”. O fato de Feyerabend ser um físico (autoridade) parece ter impressionado mais do que a sua argumentação. A pergunta que não quer calar, contudo, é muito simples: o que prova que um método está certo? Ou que método usar para ter certeza de que se escolheu o método adequado para uma pesquisa? Será o método um pré-conceito?

Outro caminho: até que ponto a criatividade é permitida na pesquisa científica? Até onde é possível, por exemplo, inovar em termos de narrativa num ensaio de ciências sociais? Qual o lugar da forma no espaço do conteúdo? O culto da substância, empurrado por razões ideológicas, transformou as humanidades brasileiras, para não ir mais longe, em cemitérios da sedução. Uma metodologia libertária teria de propor, como já o faz, até certo ponto, Edgar Morin, uma poetização da prosa acadêmica. Mas, metodologicamente falando, isso traria mais luz ao conhecimento ou mais sombras e mistérios ao existencial?

As décadas passam, as modas intelectuais nascem e morrem, os problemas, no eterno retorno da obsessão pela unidade, reaparecem. Cada vez mais se pensa o trabalho intelectual como divulgação de resultado de pesquisa. A Comunicação, no entanto, como parte das ciências sociais, faz-se “caminhando”. Está na sua metodologia intrínseca evoluir pela exposição de idéias. Assim, existem, ao menos, nove categorias de texto legítimos enquanto produção intelectual, acadêmica, “científica”: 1 – relatórios de pesquisa; 2 – artigos de provocação de um debate sobre uma análise em construção; 3 – ensaios polêmicos (de reação a proposições disponíveis); 4 – textos de divulgação (narrativas de ampliação dos discursos especializados); 5 – resenhas; 6

– críticas de estudos específicos concluídos ou em andamento; 7 – reflexão sobre fundamentos; 8 – refutação parcial ou integral de teorias dominantes no “mercado”; 9 – novas teorias (a mais difícil e necessária das narrativas).

O que se deve valorizar? A retórica científica ou a “transparência” discursiva? O método precisa duvidar de si mesmo. Uma teoria nunca pode ser doutrinária. Eis o paradoxo.

### **Do meio ao fim**

Não se trata aqui de esmiuçar a classificação estabelecida acima. Mas de estabelecer um trajeto entre vários tipos de figura de método. Em certo sentido, a idéia é defender uma aventura intelectual polissêmica, *plurimetodológica*, inventiva e elaborada na caminhada de cada pesquisa. Tomar o fundo como uma forma ainda não elaborada. Postular uma multiplicidade formal como base de cada narrativa. Em síntese: a forma como molde estético de uma produção até agora dominada pelo culto da verdade. Falsamente. Pois, sob a capa da verdade, figura a sedução formal do melhor argumento como produto da maior capacidade formal de argumentação: sedução, carisma, memória.

Edgar Morin propõe um método aberto, um meio que só se conhece realmente ao atingir o fim.

Deve-se lembrar aqui que a palavra “método” não significa de jeito nenhum metodologia? As metodologias são guias *a priori* que programam as pesquisas, enquanto que o método derivado do nosso percurso será uma ajuda à estratégia [que englobará, de modo utilitário, segmentos programados, isto é, “metodologias”, mas comportará necessariamente descoberta e inovação]. (MORIN, 1999, p. 39).

O método não é o caminho seguro. Talvez seja o percurso. Entre o caminho e o percurso existe sempre uma margem desconhecida.

Aquilo que se apresenta nítido em Morin, como sabem aqueles que navegam em suas páginas, permanece obscuro, boa parte do tempo, nas práticas narrativas ditas científicas. As metodologias acabam, não raro, conformando o objeto, substituindo o conteúdo, confirmando o que não foi demonstrado, simulando uma presença completamente ausente. Próteses abstratas, elas podem estabelecer pensamento onde só há especulação; dar substância ao irreal; fomentar a ilusão de verdade; dar segurança em vez da necessária angústia da descoberta. Impor pela retórica um discurso vazio ou sustentado justamente pela violência da forma autorizada.

O fim está no meio como o meio está no fim. A frase, circular, rebarbativa, transmite o que se quer, com frequência, calar: a circularidade do conhecimento. Em outras palavras, o condicionamento do fim pelo meio ou do meio pelo fim. Por vezes, escolhe-se a metodologia que permitirá alcançar o fim determinado previamente. Há nisso algo razoável e algo contraditório. O razoável consiste em buscar os meios que possibilitem alcançar o fim. O contraditório está em fechar a porta ao desconhecido, quando a essência da pesquisa está no imprevisível. O problema é que o campo científico não está isento de competição, de jogo, de disputa, de lances para vencer. Então, sob a aparência de busca da verdade, esconde-se, muitas vezes, o desejo de triunfo pelo triunfo. Aí, tudo vale.

Morin nunca idealizou a aventura do conhecimento:

A tragédia da complexidade situa-se em dois níveis, o do objeto do conhecimento e o da obra do conhecimento. Em nível do objeto, somos postos incessantemente diante da alternativa entre, de um lado, o fechamento do objeto do conhecimento, que mutila a solidariedade com outros objetos bem como com o seu meio [e exclui, em conseqüência, os problemas globais e fundamentais] e, por outro lado, a dissolução dos contornos e das fronteiras que afoga todo objeto e condena-nos à superficialidade. (MORIN, 1999, p. 42).

Pior, muito pior, condena-nos à violência da regra instituída, à hegemonia do argumento de autoridade, ao conformismo do discurso entronizado. Conhecer pode ser apenas desconhecer o outro.

Difícilmente se opta por uma solução que partilhe essa dupla preocupação. A mutilação predomina. Ao assumir o rótulo “rigor”, justifica-se perante o tribunal dos pares que julga em nome de uma legislação tornada absoluta. O exercício perigoso exige a ampliação das fronteiras, o cruzamento de objetos, a experimentação metodológica e, ao mesmo tempo, o exame crítico da ampliação das fronteiras (pertinência), a avaliação reiterada da necessidade de cruzamento de objetos, o julgamento da validade da experimentação metodológica e, enfim, a aposta no risco da inovação. Só há nova teoria quando alguém aceita correr o risco de inventar novas regras de pensamento.

Não é exclusividade da prosa científica essa tendência a chegar mais perto da “verdade” de um objeto. O poeta T. S. Eliot escreveu: “Em meu princípio está meu fim” (ELIOT, 1990, p. 207). E, em outro momento: “Todo o nosso conhecimento nos aproxima da ignorância/ Toda a nossa ignorância nos avizinha da morte,/mas a iminência da morte não nos acerca de Deus” (p. 175). Eliot intuía o essencial: estamos sempre na metade do caminho. Estamos sempre no meio. O fim é um ideal.

A grande ilusão do intelectual foi colocar-se no lugar do demiurgo. Não se trata da ocupação do lugar de um outro, mas da tomada do espaço do Outro. No primeiro caso, o conhecimento apresenta-se como fruto do diálogo. No segundo, como iluminação. No primeiro, a dialógica pressupõe, a exemplo do que enuncia Eliot, um inacabamento irreduzível. No outro, há um deslizamento da concepção iluminista para uma noção iluminada de saber. Toma-se o meio pelo fim. Não se chega a lugar algum.

Eliot sintetizou o dilema do método (caminho que se faz caminhando, conforme a apropriação que se faz dos versos do poeta espanhol Antonio Machado): a relação retroativa entre meio e fim, a qual pode ser pensada como um anel recursivo, um ciclo ou, enfim, um sistema de mão dupla, no qual cada elemento contamina e é contaminado pelo outro. Nesta leitura, está claro, transita o pensamento

de Edgar Morin. As palavras situam-se na encruzilhada da lógica com a realidade. Por isso, a poesia poder ser pista para o conhecimento: “A linguagem traduz e transfere em enunciados/seqüenciais o que se manifesta como simultaneidade superposta no cérebro e no real” (MORIN, 1999, p. 149). A realidade, feita também de imaginário, é sempre maior do que a linguagem e do que a cultura.

A abertura promovida por Morin, baseada numa ruptura com o conceito metafísico de verdade, implica novos métodos de investigação e de reflexão. O fim já não é o mesmo (o fim último, a teleologia, a estação de chegada). Em conseqüência, o meio também se transforma, tornando-se mais processo do que suporte. Gianni Vattimo, com outra terminologia e outros pressupostos, desemboca no mesmo cruzamento:

A filosofia admite, com certo orgulho, não ser uma ciência, mas somente a expressão, ainda que formalizada, do ‘mundo da vida’, com suas necessidades, expectativas, esperanças e reivindicações de direito. (VATTIMO apud MARTINS; SILVA, 2000, p. 67).

A filosofia é um discurso, uma forma especial de literatura, que não descobre o que está coberto, mas postula sentidos abertos.

Quando o conceito de ciência e a pretensão à cientificidade sofrem alterações em nível de imaginário intelectual – situações típicas da virada do terceiro milênio da era cristã – é impossível conservar incólume a fortaleza dos métodos e, mais ainda, das metodologias. O uno torna-se múltiplo; a linearidade sucumbe à vertigem da espiral; a incerteza entra em cena. Em tal contexto, aproximando-se Morin e Vattimo, um “pensamento complexo” pode também ser visto como um “pensamento fraco”:

A filosofia nunca esteve separada nem foi independente das transformações sociais e políticas do Ocidente [já que o fim da metafísica não é concebível sem o fim do colonialismo e do eurocentrismo]. Descobre-se que o sentido da história da modernidade não é o progresso rumo à perfeição final da

plenitude, da transformação total, da presença finalmente realizada da essência do homem e do mundo. (VATTIMO apud MARTINS; SILVA, 2000, p. 66).

O método é, antes de tudo, a relativização da metodologia. Em seguida, a desconfiança em relação à autoridade. Por fim, uma nova proposta argumentativa.

### **Do finalista ao provisório**

Em relação a uma ciência redimensionada e a uma filosofia humilde, como o pensamento de Vattimo, devem corresponder ciências sociais flexíveis. Se o Grande Fim (a Verdade) já não se perfila no horizonte, o Método também precisa descer alguns degraus e posicionar-se com mais abertura em relação a elementos com os quais precisa relacionar-se: fontes, metodologias, técnicas de pesquisa, objetivos, hipóteses, justificativas, referências teóricas, narrativas, discursos, retórica, enunciados, ideologias, imaginários, certezas.

O método, em Morin, não é receita nem fórmula, menos ainda um catálogo de procedimentos legitimados por argumentos de autoridade. Trata-se de um conjunto de possibilidades atreladas a uma concepção de conhecimento que se poderia chamar de pós-clássica ou de pós-iluminista. Pertence a uma época em que a contradição já não pode ser excluída com base apenas na lógica. Em outras palavras, impõe-se: “O pensamento complexo, que não pode expulsar a contradição de seus processos, não pode tampouco pretender que as contradições lógicas reflitam contradições próprias ao real”. (MORIN, 1998, p. 246).

O método é a constante alteração do proposto, pois, a cada passo, algo muda no ponto de vista, dado que já se tem a vista de outro ponto. Todo método é uma narrativa aberta.



**(MIS) LEADING WAYS OF A METHOD: NEW  
REFLECTION ABOUT THE PURPOSE OF THE MEANS**

**Abstract:** This paper discusses the current concept of method. What is the meaning and the validity of asking such a question, and what are its contemporary implications? Since it is impossible to think of a method as linked to a purpose, or either as a safe road, given the unpredictability of research, method in this paper is seen as an open proposal, an open narrative.

**Key Words:** Method. Knowledge. Creativity. Complex thought.

**Referências Bibliográficas**

BAUDRILLARD, Jean. **Tela total** – mito-ironias da era do virtual e da imagem. Porto Alegre: Sulina, 1997.

ELIOT, T.S. **Poesia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado. (Org.). **Para navegar no século 21, tecnologias do imaginário e cibercultura**. Porto Alegre: Sulina; Edipucrs, 2000.

MORIN, Edgar. **O Método 2** – a vida da vida. Lisboa: Europa-América, 2001.

\_\_\_\_\_. **O Método 3** – o conhecimento do conhecimento. Porto Alegre: Sulina, 1999.

\_\_\_\_\_. **O Método 4** – as idéias, habitat, vida, costumes, organização. Porto Alegre: Sulina, 1998.

SFEZ, Lucien. As tecnologias do espírito. **Revista Famecos – mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, n. 6, p. 7-16, jun. 1997.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público, uma teoria crítica da televisão**. São Paulo: Ática, 1996.